É PROIBIDO MIAR, DE PEDRO BANDEIRA: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA INFANTIL

Leiliane Thaís Pereira de Lima

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: thaisleiliane@gmail.com

Resumo: A representatividade da diversidade de gênero e sexualidade na literatura infantil tem sido alvo de duras críticas em nossa sociedade atual, muito embora seja ainda escassa a utilização dessas obras em sala de aula. A literatura infantil, como objeto instigador de discussões e reflexões acerca de temas sociais pautados na igualdade e no respeito ao diferente, que visam contribuir para a construção moral e ética do sujeito, tem tido sua posição em sala de aula posta à prova, num jogo de conflitos entre termos educacionais mal compreendidos. Entre essas obras da literatura infantil com temática voltada à diversidade está o livro de Pedro Bandeira: *É proibido miar* (2002). No livro, conhecemos Bingo, um cachorrinho que foge aos padrões de masculinidade canina e tem sua vida colocada em perigo por causa do preconceito e da intolerância. Neste artigo, nos propomos a analisar a construção das representações de gênero e sexualidade na obra em questão, compreendendo suas contribuições para o ensino da diversidade sexual e de gênero no contexto escolar, tendo como aporte teórico as discussões de Florence (2013), Foucaut (2010), Lajolo (2008), entre outros. Verificamos como a representatividade na literatura infantil contribui para a compreensão da diversidade, da individualidade e do respeito, colaborando para a não naturalização de estereótipos e preconceitos de gênero e sexualidade. Discutimos, por fim, a importância da utilização dessa literatura em sala de aula, frente as novas e constantes tentativas de restrições à liberdade de ser e de viver, especialmente das pessoas que fogem à norma de comportamento padrão, e à educação libertadora, com vistas a criar um sujeito crítico e atuante na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Literatura infantil, gênero, diversidade, sexualidade, sala de aula.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil foi considerada, por muito tempo, como uma literatura de formação, destituída do valor canônico que outros escritos, também nomeados literatura, possuíam. A principal ideia que embasava esse pensamento era a visão de que a literatura infantil, por ser direcionada a um público de menor faixa etária, teria uma linguagem mais simples, destituída dos artifícios estilísticos que fazem dos textos literários, geralmente, peças de profunda complexidade, e servia, portanto, como instrumento de ensino dos valores e preceitos sociais, numa linguagem lúdica, para as crianças.

Como banco de construção ética e moral, os temas abordados na literatura infantil deveriam criar nos pequenos leitores o senso do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto. Devia orientar para o bom comportamento e os bons costumes, que no ocidente geralmente são pautados em uma cultura ético cristã católica.

A literatura infantil, como objeto instigador de discussões e reflexões acerca de temas sociais pautados na igualdade e no respeito ao diferente, que visam contribuir para a construção moral e ética do sujeito, vem tendo sua posição em sala de aula posta à prova, num jogo de conflitos entre termos educacionais mal compreendidos. Doutrinar, ensinar, questionar, educar. Os verbos parecem se confundir, e não apenas na mente da sociedade em geral, mas até mesmo na de alguns educadores.

Não é de hoje que os autores utilizam a literatura como espaço de questionamento, inclusive, é isso que faz dela uma forma de arte tão mordaz. A literatura infantil tomou espaço no campo literário e vem se mostrando tão canônica e complexa quanto qualquer outra categoria literária. As discussões sobre essa literatura vêm tomando espaço nas academias e, cada vez mais, se percebe que a literatura infantil não é feita apenas para crianças e sua marca de *arte questionadora* permanece ativa, mesmo imbuída de ludicidade.

Temas como diversidade sexual, violência doméstica, gênero e racismo têm adentrado as novas escritas literárias com afinco, buscando reconstruir as concepções falhas de direitos e deveres dentro das diferenças que constituem a sociedade. Em todas essas representações, a diferença é o foco central do texto. Os personagens são excluídos ou violentados por não corresponderem à norma de comportamento ou de estética vigente.

Nas palavras do próprio Pedro Bandeira (2009, p. 48), *É proibido miar* é um "protesto contra todas as proibições , contra todas imposições que nos mandam gostar disto e não gostar daquilo, que nos mandam usar coisas que a gente não quer usar e tentam nos convencer de que gostar daquilo que a gente gosta é de mau gosto". Nesse livro, conhecemos o filhotinho Bingo, acompanhamos sua trajetória de liberdade limitada, passando à exclusão e punição, e chegando, por fim, à uma libertação que, de certa forma, lhe deixa perdas significativas, como a exclusão do convívio familiar. Nos questionamos, afinal, o que faz de Bingo um personagem ruim ao ponto de ser tão duramente punido?

Um dos escritores de literatura infanto-juvenil mais vendidos no Brasil, Pedro Bandeira coleciona também premiações importantes, como o troféu APCA da Associação Paulista de Críticos de Arte, o prêmio Jabuti, o prêmio da Câmara Brasileira do Livro, a medalha de honra ao mérito Braz Cubas, entre diversos outros.

Neste artigo, buscamos analisar a representação da diversidade sexual e de gênero na obra *É proibido miar*, de Pedro Bandeira, demonstrando como essa representação colabora, ou não, para a construção do conhecimento sobre sexualidade, gênero e respeito, necessário ao ensino educacional, pessoal e social da criança. Para isso, discutiremos algumas questões referentes ao ensino de literatura e as representações de gênero no discurso literário.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura infantil foi vista, por muito tempo, como um método de moralização, um código que facilitaria o aprendizado das normas de convivência social para as crianças. Atualmente, essa visão se modificou bastante, graças as discussões levantadas nos últimos decênios sobre a infância, a literatura em geral e a literatura infantil em específico.

A literatura é um objeto instigador de discussões e reflexões acerca de temas sociais que geralmente são pautados numa crítica a um modelo de vida, numa manifestação sobre a igualdade e o respeito ao diferente, que acabam por contribuir para a construção moral e ética do sujeito, mas não se resume a isso. A literatura é válida por ela mesma. Enquanto manifestação artística e cultural.

Lajolo (2008, p. 106) vem afirmar que

> "É à literatura, como linguagem e como intuição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar".

Enquanto isso, Cândido acrescenta que "uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (1995, p. 263). A literatura não é necessária apenas por seu papel educativo, mas como expressão de arte, forma de abrir os olhos e enxergar, criticar e compreender a sociedade em que vivemos, indo além da nossa própria e limitada experiência particular.

Não é de hoje que a literatura infantil tem sido utilizada na escola como fonte de leitura e instigação do conhecimento. Desde a educação infantil até o ensino médio espera-se desenvolver na criança o gosto pela leitura, através da literatura. Dentro desse ensino, muitos temas podem surgir, já que a literatura é reflexo e espelho da sociedade. Temas como o preconceito racial, violência e diversidade sexual, são alguns dos temas que mais se destacam nessa construção de uma literatura que abarca e engloba o *diferente*.

Quanto às questões de gênero e sexualidade, Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais - enfatizam que "o trabalho com Orientação Sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as descriminações associadas a expressões da sexualidade do indivíduo (PCNs. p. 32). Fica, portanto, esclarecido o fator de necessidade da discussão do gênero e da sexualidade em sala de aula, como maneira de conscientização e quebra do preconceito e da discriminação.

A demarcação do certo e do errado, do bonito e do feio, do moralmente ou esteticamente aceitável não nasce conosco, mas nos é impingido enquanto crescemos em uma sociedade específica, com seus costumes e cultura. Desde muito pequenas, na verdade antes mesmo de nascer, as crianças já recebem demarcações sociais de gênero: a cor do quarto, as roupinhas, acessórios, os enfeites e lembrancinhas que os pais preparam para os convidados, tudo é marcado pela presença da desinência de gênero, menino ou menina.

Em *Gênero: uma perspectiva global* (2015), Raewyn Connell e Rebecca Pearse levantam uma discussão sobre os conceitos e impactos do gênero, especialmente e de forma mais centrada, no mundo ocidental. Fica bastante claro que, do campo íntimo e pessoal ao campo político, econômico, trabalhista e ambiental, o gênero define e modifica relações,

estabelece embates de poder e prevalece como sendo o primeiro, e talvez o maior, demarcador de diferenças.

São essas diferenças que demarcam espaços sociais, definem os papeis e criam o que as teóricas denominam *ordem de gênero*. Essa ordem limita ou expande o campo de atuação profissional, define uma dupla jornada de trabalho - o assalariado e o dos cuidados da casa - define sua personalidade e sensibilidade, seus gostos e desejos sexuais. É claro que ninguém é efetivamente obrigado a seguir essa ordem estabelecida, contudo, os desvios são punidos, seja com olhares de reprovação, seja com um emprego perdido, seja com a discriminação e a violência.

Connell e Pearse (2015, p. 52) destacam algumas pesquisas sobre o gênero nos diversos campos de conhecimento. Uma delas é a da etnógrafa estadunidense Barrie Thorne: *Gender Play* (1993). Thorne observou crianças de duas escolas de Ensino Fundamental (primeiro ciclo) em diferentes partes dos Estados Unidos, buscando verificar se a socialização dos papéis de gênero funcionava tal qual as teorias dos estudos de gênero afirmavam, tendo em vista que as pesquisas se baseavam geralmente em questionários e não na observação das vidas das crianças.

O que ela observou é que existem situações de enfatização do gênero, que em alguns momentos a divisão menino/menina é muito clara e em outros simplesmente parece não ter importância. As crianças brincam e se mesclam de forma independente e por vezes seguem o papel de gênero estabelecido, por vezes o ignoram, por vezes mesmo o afrontam. As masculinidades e feminilidades, em verdade, são muitas e não fixas, e na arena reprodutiva não estamos sempre nos extremos, mas nos entremeios. Contudo, a principal contribuição nessa pesquisa foi a concepção de que os meninos e meninas não são seres passivos nesse processo de socialização dos papéis de gênero. Eles participam dessa ordem e depois se opõem a ela temporariamente, brincam com suas posições dentro desse complexo jogo dos gêneros.

A construção de uma masculinidade heteronormativa, geralmente violenta, viril e insensível é também questionada e estudada, buscando compreender como essa masculinidade, na verdade se constitui de múltiplas masculinidades que se aproximam e se distanciam dessa representação de homem padrão.

Florence (2013, p. 33) discorre sobre como os estereótipos mascaram essas múltiplas masculinidades. Para ela, a sexualidade não define o grau de masculinidade que um indivíduo apresenta. Gênero e sexualidade, apesar de distintos estão intimamente ligados. A correspondência a um padrão estético de masculinidade hegemônica, acompanhado do *desvio* de sexualidade, não exime o homem, por exemplo, de sofrer discriminação e exclusão social. A problemática sempre foi o *desvio*, o diferente, o que foge à regra, o que não cabe na caixa. É justamente a não correspondência a uma masculinidade hegemônica que vai levar o indivíduo a sofrer as descriminações que o personagem Bingo sofre no livro aqui analisado.

Muito se discute sobre os impactos negativos que os estudos de gênero e sexualidade poderiam gerar para o ensino, especialmente de crianças na fase inicial do desenvolvimento. Creio que esta pergunta deveria ser feita de outra forma: Que efeitos negativos a ausência da discussão sobre gênero e sexualidade por ter sobre essas crianças e adolescentes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O livro *É proibido miar* (2005), de Pedro Bandeira, conta a história de Bingo, um dos filhotinhos recém-nascidos de Dona Bingona e seu Bingão, uma família de cães vira-latas de respeito, que vivem em um grande e confortável galpão nos fundos da casa de seus donos, aparentemente pessoas abastadas e com certo prestígio social.

Bingo é o filhotinho mais sapeca, mais travesso e mais querido. Apesar de sujar os lençóis recém-lavados e derrubar os jarros de flores pela casa, por ser tão dócil e brincalhão, é acariciado por todos. Contudo, essa história muda quando ele começa a observar o gato que era vizinho de sua família. Ele apenas o observa e deseja a mesma coragem que o gato demonstra possuir, de andar à noite, no escuro, de correr perigos, de se aventurar na liberdade além da cerca da casa. Bingo não corresponde ao ideal de masculinidade imposto pela sociedade canina. Ele não corre atrás de carros, não late para cães vadios, nem para as pessoas que passam na rua. Ele prefere abanar o rabo e pedir carinho na barriga, rolar pelo jardim e fazer amizade com os cãezinhos que encontra, sem se importar se são *de respeito* ou não.

Seu Bingão é a representação clara do poder patriarcal, da masculinidade viril, agressiva, que poderíamos chamar de heteronormativa, e nega veemente qualquer desvio a este padrão de masculinidade. Desde o começo, ele nota que Bingo não é como os outros filhotinhos machos, que se comporta de modo muito independente, mas, até então, tudo era visto apenas como travessura de filhote, e Bingo era aceito. É após o primeiro passeio que essa não correspondência ao papel masculino começa a ser um problema, e se agrava quando Bingo decide dar seu primeiro miado, gerando uma grande confusão na família. Por isso, Bingo é excluído do convívio familiar e é levado pela carrocinha, onde também é marginalizado e considerado um *não-cão* pelos demais cachorros. É no canil, que Bingo entra em contato com doenças e maus-tratos humanos. Sozinho e triste, ele encontra, por fim, um meio de chegar à liberdade. Um meio doloroso, contudo, um meio para algo além da solidão.

A primeira e mais forte representação dicotômica do gênero está na construção das figuras de Seu Bingão e Dona Bingona. Esta é a mãe cuidadora do lar e dos filhos, que passa o dia a pôr ordem em tudo e sua principal preocupação é receber a aprovação do marido, enquanto aquele é o macho alfa, o pai provedor e detentor das decisões finais sobre a vida da família. A representação dessa masculinidade e feminilidade está diretamente ligada à uma estrutura de poder. Sendo os pais hierarquicamente superiores aos filhos e tendo sobre eles certo grau de autoridade, essas representações generificadas se constituem como norma padrão, que os filhos devem aprender a seguir socialmente.

Para essa constituição de família, o respeito é algo muito importante. É a visão que a sociedade possui deles que os qualificam como vira-latas de respeito. Interessante jogo de sentidos que Bandeira estabelece aqui, sendo vira-lata a categoria de um cão sem raça, sem pedigree, sem prestígio, ser justamente *de respeito*, e prezar tanto por esse título. Parece-me uma clara máscara de poder, e por baixo dela, seu Bingão sabe que não existe nada além de um cão vira-lata, que, provavelmente, seria marginalizado.

Esse respeito é algo que aparece como oriundo de uma transmissão de valores, algo quase genético, perpassando gerações, sempre recebido pela parte masculina da família, tanto o é que dona Bingona é uma vira-lata de respeito por ser esposa de seu Bingão. Bingo seria, então, a próxima geração a levar essa carga de "respeitabilidade" adiante.

Bingo é carinhoso, sapeca, alegre e brincalhão, e esses adjetivos inicialmente agradavam aos que o rodeavam. Até mesmo a dona da casa que tinha os lençóis recém-lavados sujos pelas patinhas de lama de Bingo. A diferença estabelecida entre Bingo e os irmãos, inicialmente não parece algo negativo, é visto apenas como uma relação comportamental, que poderia ser inclusive bastante positiva, já que em muitos contos de fadas infantis, os personagens que se distinguem dos demais geralmente vivem grandes aventuras. Contudo, a aventura que Bingo vive não é, nem de longe, um conto de fadas.

As coisas começam a se complicar no primeiro passeio dos filhotes. Quando Dona Bingona e Seu Bingão decidem que os filhos já estão crescidos o suficiente para irem à rua e serem apresentados à sociedade. Vemos mais uma representação da hegemonia da binaridade de gênero quando a dona dos cachorros banha e perfuma os filhotinhos, colocando lacinhos cor-de-rosa nas fêmeas e azuis nos machos. Cores, gostos e comportamentos sendo definidos por cores que representam um padrão de gênero e sexualidade.

A maior preocupação de Seu Bingão e Dona Bingona, neste momento, era ver o casal de pastores alemães do final da rua, julgando que sentiriam inveja da beleza e da aura de respeito que sua nova ninhada possuía. A aprovação social é algo muito importante para esses pais, pois é essa aprovação que garante o respeito e o status da família.

No passeio, ao invés de correr atrás dos carros e latir para quem passa, como faziam os outros filhotinhos machos, Bingo prefere rolar no meio do jardim, entre as flores, e abanar o rabino para quem passa, pedindo carinho. Seu Bingão já estava contrariado com o comportamento de Bingo e tudo eclode quando, voltando para casa, seu Bingão encontra um cão vira-lata vadio e, para demonstrar sua força diante da família e dos vizinhos, late e rosna, acuando o pobre cachorro. Bingo se coloca ao lado do pobre cão e põe-se a dar lambidinhas e com seu “iap-iap” chama-o para brincar. A atitude de Bingo fere, profundamente, a demonstração de poder e agressividade de Seu Bingão. Cheio de vergonha, ele retorna para casa pensando no que os outros cães pensariam dele tendo um filho como Bingo.

Até este ponto da narrativa, já ficou claro que Seu Bingão representa as práticas de gênero estabelecidas e que exerce uma repressão ao desvio de Bingo em relação à masculinidade canina padrão. A figura que se opõe a de Seu Bingão é a do gato. Morador do telhado da casa vizinha, passa os dias a madornar e à noite sai para se aventurar além da cerca das casas. Bingo começa a observar a sombra do gato se movendo à noite e passa a admirar a liberdade que ele possui. Espia, no meio da noite, medrosamente para fora do galpão e deseja a coragem de ser também aquela sobra que salta entre os telhados. O gato é o símbolo da liberdade, da independência. O gato é também diferente de seu Bingão, quase seu extremo oposto. Ele é, por isso, um desviante da masculinidade, mas, ao contrário de Bingo, essa não lhe é imposta.

Admirado com o vizinho, Bingo deseja imitá-lo e justamente quando precisa apresentar para o Seu Bingão seu primeiro latido, Bingo lhe apresenta o primeiro miado. Um absurdo, um ultraje. Seu Bingão, Dona Bingona e até mesmo os filhotinhos e os humanos, seus donos, ficam horrorizados com o fato. Bingo é excluído, castigado e expulso de casa. Ele

é, de fato, vítima do preconceito quando ergue a voz pela primeira vez, quando expressa seu verdadeiro eu, aquele que ele quer ser. É sua voz, seu miado, que afronta a família e a sociedade. É possível que ainda o tivessem mantido em casa, buscando ajustar seu jeito ao modo como os outros irmãos se portavam, mas isso já não é mais possível quando Bingo encontra sua voz.

> "Dona Bingona estava com o coração partido. Em condições normais, ela teria se oferecido para ser presa pela carrocinha, só para salvar um filhote seu. Mas a situação era diferente. Por mais que ela quisesse proteger o Bingo, não poderia, como boa mãe que era, permitir que a presença de seu filhote continuasse dando um péssimo exemplo como aquele. Era a carrocinha para um ou a perdição para toda a ninhada. Assim, com tristeza, mas decidida, Dona Bingona deu as costas para o filhote e foi juntar-se ao marido. Ela era, também, uma vira-lata de respeito" (BANDEIRA, 2005, p. 23).

> "Depois que todos já estavam acomodados, Bingo aproximou-se, exausto, só pensando em dormir. Mas seu Bingão levantou a cabeça e rosnou ameaçadoramente, mostrando os dentes. O pobre Bingo parou, quis chorar, quis pedir, mas fez meia-volta. Nada adiantaria. Nada daria jeito. Deitou-se num canto da horta e adormeceu, iluminado pelo luar" (BANDEIRA, 2005, p. 24)

No canil, Bingo também é excluído, inclusive, até mesmo do plano de fuga que os animais estabelecem ao perceber que o final para todos ali era a morte. Ele não é aceito, nem mesmo no momento em que todos se unem. "_ Cachorro que mia não pode!" (BANDEIRA, 2005, p. 25). A respeitabilidade, até mesmo no momento mais degradante da vida canina, que é estar preso numa carrocinha e, em seguida, num canil, ainda é importante e, por isso, os cachorros negam qualquer relação com o cachorrinho que mia, como se este estivesse doente. Afinal, "Eram vagabundos, mas eram cachorros de verdade" (BANDEIRA, 2005, p. 35).

> "_Que é isso?
>
> _Será que eu ouvi direito?
>
> _Esse cachorro fez *miau*?
>
> _ Vai ver, é um gato disfarçado!
>
> _Mata!
>
> _Esfola!" (BANDEIRA, 2005, p. 34).

> "_Que vergonha! Um cachorro que mia! _ rosnou o cão sarnento.
>
> _Que azar! _ lamentou-se o das pulgas, coçando as pulgas. _ Além da prisão, além das pulgas, ainda tinha de aparecer um cachorro que mia!

> Lambendo seus ferimentos, abandonado a um canto, Bingo estava triste, triste...” (BANDEIRA, 2005, p. 35).

Que mal fez Bingo para ser punido com o encarceramento, a exclusão e o abandono? Bingo não fez nada do que aquela sociedade canina consideraria errado, exceto não latir. Ele recusou o mais alto poder masculino, a voz, o discurso, e isso retirou toda sua respeitabilidade, justificando a exclusão e a crueldade de uma existência no canil, mesmo se tratando se um filhotinho.

Contudo, Bingo é o único que consegue escapar, justamente por miar. No escuro da cela, um dos funcionários do canil ouviu o miado e o chutou para fora, imaginando ser um gato. Bingo foge e consegue sair do canil pulando o muro, onde, de cima o observava e incentivava, o gato. No fim, Bingo encontra a liberdade e, junto com o gato, a representação da independência e da liberdade, parte para descobrir novos mundos e novas línguas.

O que salva Bingo é sua fidelidade em ser quem ele realmente é, não cedendo às pressões ao seu redor, não voltando a latir. Mesmo sendo ridicularizado, excluído, agredido e abandonado, ele continua miando, erguendo sua voz como afirmação de sua subjetividade e identidade, pois é quem ele é. E foi essa mesma voz, que inicialmente o levou à reclusão, que o guiou de volta à liberdade, uma verdadeira liberdade.

CONCLUSÕES

As representações de gênero e sexualidade em *É proibido miar* (2005), de Pedro Bandeira, mostram como os preconceitos e estereótipos podem ser cruéis. O livro trata dessas representações pela perspectiva do diferente, enfatizando que toda individualidade e subjetividade merece ser respeitada e todos merecem ser amados.

A exclusão que Bingo sofre é um reflexo muito claro da vivência de abandono familiar que muitos membros da comunidade LGBTQ+ sofrem diariamente. Receber a incompreensão dos familiares, ser expulso de casa, ser abandonado e agredido, são atitudes que nenhuma pessoa espera ter que vivenciar, mas que são muito comuns na história de vida das pessoas que não correspondem, como Bingo, ao padrão de masculinidade definido socialmente. Isso se aplica também a muitas outras diversidades. A crítica feita neste livro é sobre à intolerância frente ao diferente. O livro questiona as definições de bem e mal, bom e ruim, diferente e igual. A narrativa sobre a história de Bingo ensina o respeito e a aceitação ao diferente. Algo, no mínimo, necessário na sociedade egocêntrica e violenta em que vivemos hoje.

A representatividade na literatura infantil contribui para a compreensão da diversidade, da individualidade e do respeito, colaborando para a não naturalização de estereótipos de gênero e sexualidade. É de extrema importância a utilização dessa literatura em sala de aula. Frente as novas e constantes tentativas de restrições à liberdade de ser e de

viver, especialmente das pessoas que fogem à norma de comportamento padrão, é a educação libertadora que pode contribuir para a construção de um sujeito crítico e atuante na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. É proibido miar. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BRASIL. Parâmetros curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf Acesso em: 02/08/2018.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura e outros ensaios. In: Vários Escritos. 3 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CONNELL, Raewyn. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

FOUCAUT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FLORENCE, Tamag. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. História da virilidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Editora Ática, 2008.